

CONSIDERAÇÕES

técnicas sôbre o romance policial

Tenho uma verdadeira paixão pelas histórias policiais... mas isto não quer dizer que eu renuncie ao meu livre direito de critica. Tenho, pelo contrário, tôda a espécie de curiosas preferências, e o autor deve, para que eu lhe conceda a minha satisfação, conformar-se com as minhas exigências em muitos pontos particulares.

Assim, para começar, penso que as histórias dêste género devem ser escritos numa linguagem correcta e simples. Lembro-me de ter lido uma em que tinha sido cometido um assassinato particularmente emocionante. Nada mais embaraçoso do que saber como o criminoso pudera penetrar na biblioteca da vítima... No entanto, a grande preocupação do detective (explicava-nos o autor), era descobrir como é que o assassino «tinha efectuado a fuga». É-me extremamente penoso encontrar em nove décimos dos romances policiais publicados no mundo, assassinatos a quem não falta uma ocasião de «efectuar a sua fuga», quando lhes seria tão simples «sair», como tôda a gente. O criminoso, o herói, os personagens suspeitos exprimem-se todos nêste calão estranho. Seja-nos perdoado pensarmos que, nem a angústia em presença da vítima, nem o esforço que precisamos dispendir para suspeitarmos dos ino-

centes, são uma desculpa suficiente ao emprêgo dum vocabulário tão pretencioso.

Quanto à questão importante do papel do Amor, as opiniões podem divergir: a minha é que êle não deve contar. O leitor ancioso por saber se a substância branca espalhada sôbre as iguarias oferecidas à hora do chá é arsénico ou pó de arroz, não deve ser interrompido enquanto o Rolando segura na sua mão a mão de Angela «um pouco mais do que o aconselham as regras da boa sociedade». Durante êste curto instante, bem empregado, quantos acontecimentos poderiam produzir-se: traços de passos deixados ou descobertos, pontas de cigarros apanhadas e metidas num envelope... Não. Escrevam, se quiserem, expressamente para Rolando, um livro durante o qual êle poderá segurar o que quizer; mas num romance policial, que êle contribúa unicamente para o assunto que nos interessa.

Quanto ao detective, peço, antes de mais nada, que seja um amador. Naturalmente, na vida real, os melhores detectives são polícias profissionais; mas na vida real, os melhores criminosos não são também profissionais? Nas histórias criminais mais interessantes, o culpado deve ser um amador, um de nós, um dos que acotovelamos no salão da vítima,